



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE LETRAS

LARISSA OLIVEIRA TEIXEIRA

**O OLHAR DO NARRADOR INFANTIL SOBRE OS AMIGOS DA ESCOLA NO
ROMANCE *BOM DIA, CAMARADAS* DE ONDJAKI**

CAPANEMA

2023

LARISSA OLIVEIRA TEIXEIRA

**O OLHAR DO NARRADOR INFANTIL SOBRE OS AMIGOS DA ESCOLA NO
ROMANCE *BOM DIA, CAMARADAS* DE ONDJAKI**

Artigo Científico apresentado à Universidade Federal do
Pará, como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Batista Barros

CAPANEMA

2023

Resumo

O escritor angolano Ondjaki apresenta um momento único e muito relevante na vida do ser humano no romance *Bom dia, camaradas* (2003): a infância. Neste artigo será observado através do olhar de um narrador infantil as nuances vividas pelas crianças no período da guerra civil angolana. As relações de amizade construídas na escola, e os momentos de crise e camaradagem que contribuirão para a mudança de perspectiva do jovem narrador no romance. É nesse aspecto que o presente artigo construiu a análise. Chamou a nossa atenção como o narrador protagonista retrata, através de um olhar infantil puro e inocente, os problemas econômicos e as desigualdades sociais destacadas através das relações afetivas no ambiente escolar e nos momentos de encontro das crianças fora da escola, demonstrando a dura realidade do país com humor e beleza. O método utilizado no estudo foi conduzido por meio de uma leitura atenta e sistemática do livro *Bom dia, camaradas* (2003). O presente artigo é uma análise crítica de cunho bibliográfico e utilizamos como suporte teórico principal as contribuições de Adorno (2003), Bosi (1996) e Auerbach (2002)

Palavras-chave: Literatura angolana. Ondjaki. Bom dia camaradas. Narrador infantil.

O olhar do narrador infantil sobre os amigos da escola no romance *Bom dia, camaradas* de Ondjaki

Larissa Oliveira TEIXEIRA¹
Liliane Batista BARROS²

Resumo: O escritor angolano Ondjaki apresenta um momento único e muito relevante na vida do ser humano no romance *Bom dia, camaradas* (2003): a infância. Neste artigo, através do olhar de um narrador infantil, serão observadas as nuances vividas pelas crianças no período da guerra civil angolana. As relações de amizade construídas na escola e os momentos de crise e camaradagem contribuíram para a mudança de perspectiva do jovem narrador no romance. É nesse aspecto que o presente artigo construiu a análise. Chamou a nossa atenção como o narrador protagonista retrata, em um olhar infantil, puro e inocente, os problemas econômicos e as desigualdades sociais destacadas através das relações afetivas no ambiente escolar e nos momentos de encontro das crianças fora da escola, demonstrando a dura realidade do país com humor e beleza. O método utilizado no estudo foi conduzido por meio de uma leitura atenta e sistemática do livro *Bom dia, camaradas*. O trabalho, portanto, é uma análise crítica de cunho bibliográfico, em que utilizamos como suporte teórico principal as contribuições de Adorno (2003), Bosi (1996) e Auerbach (2002).

Palavras-chave: Literatura angolana; Ondjaki; Bom dia camaradas.

Introdução

A literatura africana e brasileira mantém um diálogo profundo e uma influência mútua, enriquecendo a compreensão das experiências e perspectivas de diferentes comunidades. Através da expressão literária, os escritores têm o poder de retratar aspectos profundos da vida social, política e emocional. *Bom dia, camaradas* (2003), escrito por Ondjaki, renomado autor angolano, transporta os leitores para a infância vivida em Angola durante o período pós-independência nas décadas de oitenta e noventa. Após a independência de Angola em 1975, o país enfrentou a mais longa guerra civil da África, um conflito entre os partidos políticos MPLA e UNITA, que deixou a nação devastada. A paz finalmente se estabeleceu em 2002 (Veras, 2011).

Ondjaki, cujo nome completo é Ndalú de Almeida, nasceu em Luanda, Angola, em 1977. Ondjaki estudou Sociologia em Lisboa, Portugal, e é mestre em Estudos Africanos pela Universidade de Londres. O autor é conhecido por sua escrita criativa e única, que muitas vezes mescla realismo com elementos mágicos e poéticos. Seu trabalho frequentemente

¹ Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa, campus universitário de Capanema – PA, pela UFPA. E-mail: larissateixeira322@gmail.com.

² Doutora em Letras pela UFPA, professora do curso de Letras Português do Campus de Bragança. E-mail: liliane.b@ufpa.br.

explora temas como a infância, a identidade, a memória, a política e a história de Angola. Ondjaki é um autor prolífico e premiado, com várias de suas obras traduzidas para diversos idiomas. Autor de 26 livros, entre os quais, os mais conhecidos estão o romance *Bom dia, camaradas*, de 2001; a novela *O assobiador*, de 2002; o livro de poesia *Há prendisajens com o Xão*, de 2002; o infantil *Ynari: a menina das cinco tranças*, de 2004, e o mais recente romance autobiográfico *O livro do deslembamento* (2022). Embora Ondjaki tenha desenvolvido um estilo literário único, é possível identificar influências de diversos autores, tanto angolanos quanto brasileiros, em sua obra. Entre suas leituras angolanas, destacam-se José Luandino Vieira, conhecido por sua prosa lírica e abordagem de questões sociais e políticas, e Mia Couto, escritor moçambicano. Em relação às influências brasileiras, Ondjaki mencionou autores como Guimarães Rosa e Clarice Lispector em uma entrevista (Unilab).

Em resumo, *Bom dia, camaradas*³ (2003) é uma obra curta, com uma leitura agradável, envolvente, e que tem um garoto como narrador-protagonista, vivendo uma infância na cidade de Luanda, em Angola, durante o período da guerra civil. O romance apresenta, de forma suave, positiva e humorada, o contexto histórico da década de oitenta, por meio da rotina do jovem narrador que se movimenta entre a escola e a sua casa. Todas as manhãs, o menino acorda animado para ir à escola, pois é nesse ambiente que vive experiências divertidas com seus amigos, principalmente em volta da saga do “caixão vazio”, lenda que ronda a escola. Das conversas com seus familiares, o cozinheiro, a tia e os amigos da escola, o narrador-protagonista descreve as vivências de maneira alegre, esperançosa e poética. O livro aborda temas como a infância, a amizade e a desigualdade social.

A obra de Ondjaki oferece uma visão sensível e cativante das experiências de uma criança narradora com características contemporâneas. O narrador protagonista reflete a partir de uma nova perspectiva ao comentar os eventos vivenciados, trazendo subjetividade e uma linguagem pura para aproximar o leitor da narrativa, conforme observa Adorno (1996). Essa característica permite ao leitor acessar os pensamentos, os sentimentos e as percepções de todos os personagens, criando uma atmosfera rica e detalhada que revela não apenas os eventos externos, mas também o mundo interior do narrador. Nesse contexto, o livro *Bom dia, camaradas*, de Ondjaki, apresenta “a narração de uma experiência humana bastante específica: a infância vivida em um contexto de conflito civil” (Ribeiro, 2022, p. 28), que valoriza o olhar do narrador infantil proporcionando uma rica reflexão sobre as relações interpessoais na

³ Existem duas possibilidades de interpretação para destacar a palavra que nomeia o romance: uma seria a saudação ao leitor e a outra seria a ligação direta com o movimento político de Angola, a partir do significado de companheirismo, igualdade e cumplicidade.

infância. Em *Bom dia, camaradas* “a infância aparece, então, através da memória do adulto e a indecisão entre a voz do adulto e a voz da criança torna-se a origem da enunciação” (Paio, 2011, p. 11), demonstrando de forma subjetiva a história da capital de Angola.

Na análise, crivado pelo olhar infantil, será destacado os laços de amizades com alguns membros da escola, os quatro amigos da personagem principal, Bruno, Murtala, Petra e Romina, que compartilham aventuras e desafios em Luanda, a capital de Angola. Ao longo da história, o livro apresenta um retrato vívido da amizade infantil, explorando as brincadeiras, descobertas e rivalidades típicas dessa fase da vida. Essas amizades se tornam parte da família do narrador, desafiando as convenções estabelecidas pelos adultos e explorando a cidade em meio a um contexto social e político complexo. No início do livro pode-se perceber uma dedicatória aos amigos mais próximos de Ondjaki, porém os nomes próprios iniciam com letras minúsculas, o que pode indicar um deslocamento do campo real para o campo ficcional dos amigos do autor, aproximando a realidade da ficcionalidade narrativa.

Este trabalho analisa como o narrador infantil descreve a relação com seus amigos da escola em *Bom dia, camaradas* (2003), de Ondjaki, considerando o contexto social e político do país. Além disso, explora como essas relações afetivas escolares contribuem para o crescimento pessoal do narrador e identifica reflexos da vida do autor na figura do narrador infantil.

O tema escolhido é relevante para entender como o narrador infantil percebe e interage com o mundo ao seu redor, especialmente por meio das amizades escolares, que marcam a vida do indivíduo e refletem sobre respeito, empatia e compreensão mútua desde a infância. *Bom dia, camaradas* (2003) oferece uma oportunidade única de explorar a infância por meio de personagens complexos e situações que refletem a diversidade de experiências vividas nesse período. A obra contribui para enriquecer o debate sobre as relações interpessoais, os desafios da convivência e as transformações emocionais da infância em meio ao momento turbulento da guerra.

A motivação da escolha desta obra para análise se fortaleceu a partir do momento em que além de apresentar um grande conhecimento histórico de Angola e elucidar muitos questionamentos do momento histórico de guerra civil presente no enredo, reflete também a nostalgia da fase mais marcante da vida de um Ser Humano, a infância, enfocando o sentimento de despedidas na vida estudantil e os laços construídos nesse processo. Na reta final do curso de Língua Portuguesa, a obra de Ondjaki, nos faz refletir sobre a valorização e a importância dos laços afetivos construídos no processo acadêmico. Encerrar ciclos é motivo de saudades, mas o autor nos faz acreditar também que é uma experiência que proporciona

crescimento pessoal e que as lembranças devem ser enxergadas sempre com humor e delicadeza.

Para conduzir a análise, o trabalho se baseia em diversas perspectivas teóricas, incluindo as de Theodor Adorno (2003) sobre o narrador contemporâneo, Alfredo Bosi (1996) acerca da literatura de resistência e de testemunho e Erich Auerbach (2002) a respeito da literatura com temas cotidianos. Além disso, conta-se ainda com os trabalhos de Maria Ribeiro Candido (2022) sobre a narrativa de infância, Helena Maria Assude Paio (2011) acerca da autobiografia e autoficção, entre outros.

O artigo está estruturado em três tópicos principais: uma reflexão teórica acerca da obra, o segundo examina o olhar do narrador sobre seus amigos da escola e a lenda do “caixão vazio”, enquanto o terceiro aborda o término do ano letivo e a influência das amizades na maturidade do narrador. O trabalho se encerra com as considerações finais e as referências bibliográficas.

O olhar do narrador sobre seus amigos da escola e a lenda do “caixão vazio”

O medo, as incertezas e as dificuldades referentes à fase dos jovens são fortemente reveladas com um dos episódios marcantes na obra e que se torna a base da narrativa para as crianças, a lenda do “caixão vazio”. Na narrativa, a lenda aparece como lenda urbana, que seria um caixão de pessoas gregas que andam nas escolas aterrorizando todos os integrantes da instituição. Porém, essa situação acaba se cruzando com a visita do inspetor à escola e gerando uma grande confusão. Com isso, a coincidência inusitada traz para os alunos a certeza da veracidade da temida lenda e gerando muitos comentários sobre o ocorrido, mesmo que ninguém tenha visto indícios reais dos assaltantes. Visto através da perspectiva do narrador, entretanto, o que ele sabia eram apenas boatos sobre o assunto que circulavam de outras escolas, como se pode observar com a fala de Bruno ao contar o relato do filho de sua empregada: “— Epá, o filho da minha empregada é que me contou. Ontem ele nem foi às aulas, veio com a mãe dele para a minha casa, e tinha bué de feridas...” (ONDJAKI, 2003, p.11) e para o protagonista os fatos deveriam ser apurados.

O “caixão vazio” representa no romance a prática cruel de sequestros ocorridos na guerra civil de Angola, no qual as crianças eram levadas e treinadas para servir o exército contra sua vontade, “isso ocorreu tanto em locais controlados pelo MPLA como em locais sob o domínio da UNITA” (Nguluve, 2006, p. 43), revelando a disputa pelo poder na época da guerra civil e a influência dessa prática no comportamento das crianças. A guerra estava

presente de maneira muito forte na vida escolar e cotidiana dos pequenos, havia desenhos sobre a situação, o contato com armas era comum e descrito de maneira eufêmica pelo narrador. O “caixão vazio” é um elemento simbólico significativo no romance, pois serve como uma metáfora da ameaça e do medo que pairam sobre a vida dos personagens em meio à guerra.

Nesse sentido, a lenda desencadeia reações diversas em cada membro da turma, e o narrador consegue antecipar a forma como cada amigo reagirá diante da possibilidade de enfrentar a situação temida. O protagonista descreve:

Quando a aula começou, os rapazes estavam todos a pensar no Caixão Vazio. Cada um imaginava já estratégias de fuga, o Cláudio de certeza ia começar a trazer o canivete dele pontimola, o Murtala que corria muito é que estava safo, eu ia ficar atrapalhado se no meio da correria os óculos caíssem, o Bruno também; bem, as meninas, coitadas!, coitada da Romina que só de ouvir falar na estória já ia começar a chorar e ia pedir à mãe dela para não vir na escola durante uma semana; a Petra também ia ter medo, mas estaria sempre mais preocupada com as aulas. Olhei para o Bruno: na carteira dele, muito agitado, ele suava na preparação de qualquer coisa. Primeiro pensei que ele estivesse a desenhar, mas depois senti o cheiro da cola. Antes do fim da aula, pediu à Petra as canetas de feltro. Metia medo: tinha feito um caixão pintado de preto, com uma caveira bem horrorosa, e escrito a vermelho assim tipo sangue: “Caixão Vazio Passou Aqui!” (Ondjaki, 2003, p. 11).

Apesar de não saberem nada concreto sobre o caso, os alunos tinham pavor dos assaltantes, pois sabiam que poderia ocorrer na sua escola e com isso o grupo desenvolvia estratégias para resistir ao suposto ataque. Nessa perspectiva, os jovens representam uma nova Angola, sugerindo a existência de um espaço de liberdade e resistência dentro de um contexto opressivo que se manifesta através da imaginação das crianças, narrado com muito lirismo e revelando um lado positivo do momento histórico, que é a construção de grandes laços de amizade. Dessa maneira, pode-se pensar o narrador de olhar infantil de Ondjaki a partir do que expõe Bosi (1996, p. 15), o qual menciona que “o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores”. Representando, assim, o lado oposto de um momento opressor e cruel na narrativa, expressando nos relatos cotidianos a coragem e a vontade de resistir ao sistema da época.

O narrador protagonista demonstra ao longo do enredo como esse acontecimento e as provas finais transformarão a afetividade com Bruno, Murtala, Petra e Romina. Demonstra, ainda, o amadurecimento e o crescimento pessoal de cada um deles. A lenda “do caixão

vazio” no romance acarreta dúvidas e muitas indagações ao menino, mas se constitui como um fato que aproxima ainda mais os amigos, pois o narrador infantil se juntará às jovens crianças para desvendar esse mistério. Com isso, serão descritos vários momentos de encontros para conversas a respeito dos fatos, principalmente na casa de Romina, que passou a ser um dos principais espaços de reuniões. Em um desses eventos, as crianças relatam individualmente, através da voz do narrador, sua experiência com o “caixão vazio” no momento da confusão com o inspetor na instituição escolar. É nesse momento que será revelado em terceira pessoa e em uma única vez o nome do narrador: “As falas do Ndalú” (Ondjaki, 2003, p. 28). A semelhança deste nome com o nome do autor do romance permite pensar na ficcionalização de sua memória infantil e reafirmando o gênero autobiográfico⁴ no romance. Havendo, dessa maneira, uma atenção para o “eu” na narrativa, revelando ao mesmo tempo o narrador-criança e o narrador-adulto (Candido, 2022, p. 36).

O local escolar abrange muitas realidades que são percebidas aos poucos através das observações do menino, e esses fatos são importantes para desvendar as relações sociais angolanas e as relações familiares de cada personagem na construção de sua identidade. Os jovens tinham o espaço escolar como um ambiente de encontro e sempre ao chegarem na escola o momento envolvia muitas conversas e a descrição de histórias divertidas ocorridas no cotidiano da turma. Para muitos, portanto, o maior desejo naquele momento interativo não era estudar, mas sim compartilhar zombarias, novidades e brincadeiras com o grupo. Na fala “Ficávamos ali a conversar fora da sala, sempre com a esperança de que o professor não viesse” (Ondjaki, 2003, p. 11), ressalta o fato de que o momento antes de entrar na sala de aula era muito aguardado pelos alunos. Apesar desse desinteresse inicial, os meninos se saíam muito bem nas provas finais, pois o grupo sempre se ajudava para que todos tivessem um bom desempenho, afirmando que “o nosso grupo normalmente tirava boas notas porque todo mundo estudava para as provas semestrais, de modo que as conversas eram mais no caso das dúvidas” (Ondjaki, 2003, p. 37). Murtala era o que apresentava maior dificuldade na aprendizagem e tinha as menores médias entre os amigos.

Nas aventuras e travessuras entre os quatro amigos do narrador, Bruno e Murtala eram as crianças mais próximos do menino, eles não eram muito focados nos estudos, mas com suas técnicas para desenrolar seus deveres escolares acabavam se saindo bem, como o narrador descreve:

⁴ Paio (2011, p. 21) salienta a presença autobiográfica no romance: “Relativamente a BDC, é o próprio autor, Ondjaki, quem, em informações paratextuais (na contracapa da edição utilizada), caracteriza e descreve sumariamente a sua obra, destacando ideias relativas à infância, à memória afectiva e à ficcionalização de um tempo passado revivido através de uma voz infantil”.

A minha mãe tinha-me ensinado que primeiro estuda-se a matéria e depois é que se faz a tarefa, mas quando eu não tinha tempo ia ver a matéria e resolvia isso logo. O Cláudio, o Bruno e principalmente o Murtala sempre faziam assim os deveres, e diziam que funcionava (ONDJAKI, 2003, p. 11).

Os meninos gostavam mesmo era de compartilhar muitas confusões e brincadeiras que amenizam o momento vivido pelas crianças, e os professores cubanos acabavam se tornando vítimas das molecagens deles: “Eu e o Bruno também gostávamos de brincar com os professores cubanos, como eles às vezes não percebiam bem o português, nós aproveitávamos para falar rápido e dizíamos disparates.” (Ondjaki, 2003, p. 8).

Os subtópicos a seguir detalham individualmente cada amigo a partir do que o narrador relata no romance. Os quatro amigos seguem um ritmo diferente na vida do jovem e os fatos ocorridos no país irão se refletir na personalidade de cada um, transmitindo também reflexões importantes dessa fase da vida, a infância.

Narrador e Bruno: “*O Bruno, aquela cara séria só de de-vez-em-quando*”

No contexto da narrativa *Bom dia, camarada* (2003), de Ondjaki, o personagem Bruno⁵ emerge como uma figura multifacetada e emblemática. O autor, por meio das experiências de Bruno, oferece uma janela para explorar questões sociais, políticas e emocionais que ecoam no cenário de Luanda naquele período. Vamos analisar com mais profundidade a trajetória de Bruno e seu significado na obra.

Informação e poder

Bruno é apresentado como uma fonte de informações cruciais para a comunidade de estudantes da escola de Luanda. Ele detém conhecimentos sobre os acontecimentos e lendas que permeiam o ambiente escolar. Através dessa característica, o autor nos mostra como o acesso à informação pode conferir poder e status a um indivíduo, mesmo em um contexto em que a falta de recursos é evidente. Como Bruno relata: “Epá, o filho da minha empregada é que me conto” (Ondjaki, 2003, p. 11). O menino que morava em um prédio como o protagonista descreve ao contar um fato, “no prédio do Bruno, um bandido estava a assaltar o quinto andar” (Ondjaki, 2003, p. 20), tinha um contato maior com a violência presente na cidade e, portanto, para ele era comum narrar fatos como este para seus amigos.

⁵ No romance existem dois personagens com o mesmo nome de Bruno, o amigo da escola que será o personagem desta pesquisa, e o Bruno Viola que é o amigo que mora na mesma rua do narrador.

Nesse sentido, a obra de Ondjaki (2003) ecoa as ideias de Alfredo Bosi (1996) sobre a literatura como forma de resistência. Bosi (1996) argumenta que a literatura pode ser uma ferramenta de resistência contra sistemas opressivos, pois permite que vozes marginalizadas se expressem. Bruno, como uma voz informada em um ambiente repressivo, personifica essa resistência por meio do compartilhamento de informações e histórias.

Condições sociais e higiene

A descrição das condições de higiene precárias de Bruno e de alguns de seus amigos revela as duras realidades da vida em Luanda durante o período da guerra civil. A escassez de água e de recursos básicos diz respeito profundamente à higiene pessoal e à saúde das crianças, evidenciando as consequências tangíveis dos conflitos armados em regiões em desenvolvimento, consoante aborda o narrador:

Bruno que nunca se penteavam (o Bruno disse-me que tinha-se penteado pela última vez quando tinha sete anos, mas acho que era balda), e raramente tomavam banho, isso devia ser verdade porque se notava pelo cheiro, tanto que ninguém gostava de sentar com eles (Ondjaki, 2003, p. 11).

A falta de acesso a recursos básicos como água potável e saneamento é um problema social intrínseco que transcende o âmbito individual de Bruno. “Nos trechos que a princípio parecem inocentes conversas de crianças, como a velha história de que os meninos não gostam de tomar banho, se transformam em dados históricos e em críticas sociais” (Franco, 2008, p. 4). Ela está enraizada em questões econômicas e políticas que permeiam o ambiente em que ele cresce. Portanto, a condição de Bruno não é apenas uma caracterização, mas sim um lembrete das disparidades sociais e das consequências da guerra em comunidades vulneráveis.

Família e ausência

A ausência da mãe de Bruno na maior parte do seu percurso escolar é um elemento simbólico significativo. Reflete não apenas a dinâmica familiar de Bruno, mas também a realidade de muitas crianças que cresceram em contextos turbulentos. A mãe de Bruno representa a falta de uma rede de apoio familiar consistente, o que é crucial para o desenvolvimento emocional e educacional de uma criança. Como observa o narrador: “Até a mãe do Bruno apareceu naquele dia” (Ondjaki, 2003, p. 37).

A ausência da mãe de Bruno na escola, exceto no dia da prova final, pode ser interpretada como uma metáfora da negligência do sistema educacional e social em relação às necessidades das crianças em situações de conflito. Bruno é deixado à própria sorte na maior parte do tempo, refletindo a falta de investimento em educação e apoio psicossocial para as crianças que vivem em regiões afetadas pela guerra.

Resistência e expressão emocional

A figura de Bruno também é emblemática da resistência diante das adversidades. Ele representa uma geração de jovens que, apesar das situações desfavoráveis, encontram maneiras de se manterem informados, de se expressarem e construir amizades significativas. A resistência não é necessariamente um ato de confronto direto, mas muitas vezes se manifesta de forma sutil, como uma busca por conhecimento ou uma demonstração de empatia.

A dificuldade de Bruno em expressar suas emoções para as pessoas próximas, como nas despedidas com seus professores e amigos, pode ser vista como uma manifestação da repressão emocional que muitos enfrentam em contextos de conflito. Theodor Adorno menciona em “O narrador contemporâneo” (2003) que a literatura contemporânea muitas vezes lida com a fragmentação e a dificuldade de comunicação emocional em um mundo cada vez mais complexo e alienante. O jovem possui uma dificuldade na demonstração de sentimentos às pessoas mais próximas, como fica claro na despedida com seus professores cubanos e com os próprios amigos em seu último dia de aula, conforme observamos nos seguintes trechos: “Bruno ia calado, pensei mesmo que ele estivesse triste” (Ondjaki, 2003, p. 39) e “Nunca cheguei a perceber se ao mexer assim a cabeça ele olhou para trás ou não” (Ondjaki, 2003, p. 41). Nestes trechos, percebe-se que o menino Bruno carregava marcas profundas do que presenciou no país, mas que apesar de tudo os amigos fizeram que o momento fosse mais leve para ele e por isso não se entrega ao sentimento de saudade após sua partida para Portugal.

Bruno é mais do que apenas um personagem em uma narrativa. Ele personifica as complexidades sociais, políticas e emocionais que permeiam a realidade das crianças que crescem em um ambiente de guerra. Sua jornada é uma janela para as lutas e a resiliência de uma geração afetada pela violência e escassez. Ao examinarmos profundamente a figura de Bruno, podemos compreender as camadas de significado que o autor incorpora em sua obra e apreciar o impacto emocional e social dessa narrativa. Através da figura de Bruno, Ondjaki

(2003) nos convida a refletir sobre as questões críticas de sua época e a compreender as experiências das crianças que cresceram em meio a tumultos e incertezas.

Narrador e Murtala: “assustado, aqueles olhos de rato já bem acesos”

A guerra e a fome

Murtala, através do olhar do narrador, é caracterizado como um menino sem modos diante de certas situações, o que incomoda bastante o narrador e leva à crítica sobre o comportamento do amigo. De acordo com Antonio Candido em “A personagem no romance” (1968), a construção dos personagens em uma narrativa é essencial para a representação de aspectos da realidade. No caso de Murtala, a sua caracterização como alguém guloso e com comportamento inadequado pode ser vista como uma representação dos efeitos da guerra e das adversidades presentes na sociedade angolana pós-independência. Seu modo exagerado de comer e sua busca por comida refletem a realidade de escassez e insegurança alimentar, em que as pessoas não podiam comprar tudo o que desejavam, devido ao controle governamental e à escassez de alimentos.

Educação e igualdade

A educação no país também era um problema ocasionado pela guerra e o acesso a escola era restrito, principalmente às pessoas de classe baixa, o que afetava diretamente no desenvolvimento escolar das crianças na cidade, visto que Angola era caracterizada com altas taxas de analfabetismo que supera os 95%, conforme aponta Chaves (2004). Isso prejudicou o desenvolvimento escolar das crianças, o qual pode ser evidenciado pela dificuldade de Murtala na aprendizagem e o uso da “cola” como método de aprovação durante as provas. De acordo com Bosi em *Literatura e Resistência* (1996), a literatura frequentemente reflete as condições socioeconômicas e políticas de uma sociedade, e o desempenho escolar de Murtala e suas estratégias de cola podem ser interpretadas como uma crítica à qualidade da educação e à falta de oportunidades para jovens como ele.

Desconfiança e fome

O narrador destaca o exagero no comportamento de Murtala, não apenas em relação ao seu amigo, mas também ao contar os acontecimentos mais marcantes da vida dos jovens. O narrador menciona que “Murtala era sempre de desconfiança, porque sempre tinha a mania de aumentar muito as histórias, quer dizer, toda a gente que eu conheço aqui em Luanda aumenta histórias, mas o Murtala, como dizia a Petra, era abusivo” (Ondjaki, 2003, p. 26). Podemos relacionar a fala do narrador ao conceito de Adorno em “O narrador contemporâneo” (2003), que discute como a figura do narrador assume diferentes facetas na literatura contemporânea. No caso de Murtala, sua tendência a exagerar pode ser vista como uma tentativa de tornar suas experiências mais significativas ou impactantes, dada a sua difícil realidade.

Solidariedade e resiliência

Vale destacar que nem tudo o que Murtala faz na narrativa é visto de forma negativa. Sua experiência de vida, proveniente de um contexto difícil, permite que o menino possua um conhecimento mais amplo da rua, criando um mapa que será fundamental para o grupo de amigos organizarem a fuga do “temido caixão vazio”. Os meninos confiados em Murtala por ele ter esse conhecimento promovem o mapa como ferramenta essencial na elaboração da estratégia de fuga, caso o ataque aconteça. Podemos ler tal situação como uma representação da resiliência em meio às adversidades, um tema comum na literatura de resistência, conforme discutido por Bosi em *Literatura e Resistência* (1996).

Empatia e solidariedade

Apesar das características do amigo, o narrador tem um sentimento de amizade forte por Murtala. Muitas vezes, demonstra preocupação em várias situações, como no evento de primeiro de maio em que o amigo aparece machucado, possivelmente devido à confusão do “caixão vazio” na escola, em que o narrador relata: “o Murtala parecia que nem estava com vontade de fazer confusão. Aproximei-me dele, ofereci água do meu cantil” (Ondjaki, 2003, p. 27). Demonstra, nessa perspectiva, empatia e solidariedade entre os amigos, características que podem ser vistas como formas de resistência em meio às adversidades. O contexto social de Murtala é apresentado com muitas dificuldades, mostrando uma realidade muito comum no país, principalmente no período de guerra civil em que marca o período político no romance. Os relatos memorialistas do narrador-criança são sempre descritos com lirismo, e o tempo psicológico “é empregado para o processo em si — este é produzido com bastante brevidade”

(Auerbach, 2002, p. 484). Nesse aspecto, vários momentos são descritos a partir de lembranças do jovem-narrador, reforçando o episódio em que lembra de Murtala no final do romance quando ao deitar na varanda e sentir os pingos de chuva que começa a cair, confessa:

Lembrei-me imediatamente do Murtala: na casa dele, quando chove, só podem dormir sete de cada vez, os outros cinco esperam todos encostados na parede onde há um tetozinho que lhes protege. Depois é vez dos outros dormirem, assim mesmo, juro, sete de cada vez. Sempre que chove de noite, o Murtala, no dia seguinte, dorme nos três primeiros tempos (Ondjaki, 2003, p. 42).

A atenção preocupante do narrador em relação a Murtala sugere uma tentativa de compreender e apoiar o amigo em meio às dificuldades que ele enfrenta. A cena final, em que o narrador lembra das condições de moradia do amigo durante a chuva, reforça as condições precárias em que o personagem vive. Através da caracterização da personagem, o narrador transmite uma mensagem de resiliência em face das adversidades, através da busca de sobrevivência e de encontrar momentos de alegria e conforto mesmo diante das dificuldades impostas pelo contexto de guerra em Angola.

Em resumo, a caracterização de Murtala como personagem na narrativa de *Bom dia, camaradas* (2003) reflete não apenas as dificuldades individuais do personagem, mas também aspectos mais amplos da sociedade angolana pós-independência, incluindo deficiências de alimentos, limitações na educação e resiliência em enfrentar as adversidades. Esses elementos se alinham com os conceitos de personagem de Antonio Candido (1968), a resistência literária de Bosi (1996) e a complexidade do narrador contemporâneo de Adorno (2003).

Narrador e Petra: “vinha lá com a teoria dela”

O empenho e o comodismo

No romance *Bom Dia, camaradas* (2003), a personagem Petra desperta certos incômodos no narrador devido ao seu comportamento de dedicação aos estudos e sua busca constante por bons resultados acadêmicos. Segundo Antonio Candido em “A personagem no romance” (1968), a construção das personagens é essencial para representar aspectos da realidade. No caso de Petra, sua personalidade como estudante aplicada e dedicada à busca do conhecimento reflete a diversidade de personalidades e motivações que podem ser encontradas na sociedade.

Conflito de personalidades

O comportamento de Petra, caracterizado por sua dedicação aos estudos e sua capacidade de aprender rapidamente, causa desconforto no narrador, que se sente inferiorizado em relação à sua própria dedicação e desempenho acadêmico. O narrador implica com a amiga, como evidenciado na citação: “Já a Petra todos os dias estudava, metia raiva aquela miúda, no dia seguinte já sabia a matéria toda” (Ondjaki, 2003, p. 9). Essa dinâmica entre personagens, em que um personagem é afetado pelo comportamento do outro, é um elemento comum na construção de personagens em romances, conforme apontado por Antonio Candido (1968).

Questionamento e estado de exceção

Petra não hesita em fazer perguntas para tirar suas dúvidas, mesmo que isso seja visto como inconveniente em certos momentos. Essa atitude gera desconforto tanto no narrador quanto nos professores cubanos, que consideram suas indagações inapropriadas. Essa característica de Petra pode ser interpretada como uma crítica ao modelo político do país, que mantinha uma sociedade controlada, em que questionamentos eram desencorajados. Afirmando seu incômodo com o jeito da menina ao dizer: “Bem feita, que é pra não se armar em chica esperta e ver se fica um bocadinho menos agitadora” (Ondjaki, 2003, p. 11).

Essa questão se reflete em sua visão sobre a lenda do “caixão vazio”, posicionando-se sempre com embasamentos concretos e teorias fundamentadas diante da narrativa dos outros amigos do ocorrido na instituição. A personagem retrata a visão de esperança para a liberdade do país, em que “o passado, assim visto, é a matriz de indagação, é o porto para se interrogar a respeito do presente, é exercício de prospecção do futuro” (Chaves, 2004, p. 158). A postura questionadora de Petra representa uma resistência ao sistema opressor, conforme discutido por Bosi em *Literatura e Resistência* (1996).

Ambiguidade nas relações

Embora Petra seja uma personagem que busca constantemente o conhecimento e a compreensão dos fatos, o narrador tem uma relação ambígua com ela. Por um lado, ele admira sua inteligência e dedicação, mas por outro lado, aproveita oportunidades para debochar dela, questionando sua suposta esperteza quando ela comete algum deslize em suas análises. O narrador, então, aproveita a oportunidade para debochar dela, questionando sua suposta

esperteza e zombando de sua perspectiva: “Diz lá, tu já tinhas visto isso aí, ó minha espertinha?” (Ondjaki, 2003, p. 11).

Petra busca constantemente pelo conhecimento e pela compreensão dos fatos, mesmo em meio à adversidade da guerra. Pelo olhar do protagonista e através de sua postura negativa pela dedicação da amiga, demonstra as próprias inseguranças e limitações que serão, ao longo da narrativa, superadas a partir de diversas situações provocadoras de amadurecimento.

Em resumo, a personagem Petra, de *Bom dia, camaradas* (2003), representa não apenas uma estudante dedicada, mas também uma voz crítica em meio à sociedade opressora de Angola pós-independência. Sua postura de busca constante pelo conhecimento e questionamento do *status quo* demonstra a resistência à conformidade e a esperança por uma mudança no país. A relação entre Petra e o narrador é complexa, refletindo as tensões e desafios presentes no contexto de guerra em que o romance se desenrola. Essa dinâmica entre personagens contribui para o amadurecimento do narrador infantil ao longo da narrativa.

Narrador e Romina: “os cabelos dela encaracolados”

A delicadeza e o medo

No romance *Bom dia, camaradas* (2003), o protagonista demonstra uma relação de afeto e apreço por Romina, uma personagem que o cativou profundamente. Antonio Candido, em “A personagem no romance” (1968), destacou a importância das relações entre personagens na construção da narrativa. Romina é apresentada como uma jovem de personalidade emotiva, bondosa e humilde, características que se tornam especiais aos olhos do narrador. Ele a enxerga com delicadeza, valorizando suas qualidades e não julgando seus defeitos, o que fortalece o vínculo entre os dois.

A guerra e as crianças

O contexto de guerra em Angola, sem romance, tem um impacto significativo na personalidade de Romina. A emotividade, a dificuldade em lidar com situações difíceis e o medo do desconhecido que ela demonstra podem ser reflexos do sofrimento causado pelos horrores da guerra. Essa caracterização de Romina reflete o modo como as experiências traumáticas podem moldar a psicologia das pessoas, algo que pode ser relacionado às discussões sobre a representação de personagens em romances, conforme Antonio Candido

(1968) aborda em sua obra. A jovem que não sabia muito bem lidar com certas situações, reforçando a afirmativa com a fala, “Às vezes, quando havia assim situações de perigo, ela não se conseguia mexer, ficava só parada” (Ondjaki, 2003, p. 21). Sua presença lhe dá proteção e ajuda a superar o estado de paralisação causado pelo medo.

A guerra e os traumas

A cena em que a escola enfrenta a suposta invasão de assaltantes evidencia a vulnerabilidade de Romina diante do perigo. Sua ocorrência emotiva e seu estado de paralisação diante de situações ameaçadoras são retratados no trecho: “coitada da Romina que só de ouvir falar na estória já ia começar a chorar” (Ondjaki, 2003, p. 11). Esse comportamento reflete uma juventude que cresce em meio à guerra, onde o medo e a insegurança são constantes. A amizade entre Romina e o narrador se fortalece nesse contexto, mostrando como o apoio mútuo pode ser uma forma de enfrentar as adversidades, uma ideia que pode estar relacionada aos conceitos de resistência e solidariedade apresentados por Bosi (1996) e Adorno (2003).

A crise e o afeto

No início da história, o narrador tem uma amizade sólida com Romina, mas a comunicação entre eles não é muito profunda. A relação entre os dois se fortalece em meio à guerra, destacando o sentimento de amizade e cuidado mútuo: “A Romina agarrou-me a mão com muita força, pensei que tinha deslocado as falangetas antes de olhar para ela e ver que ela estava naquele estado tipo Petra, isto é, petrificada, que não dava para se mexer. Olhei para ela e disse “vamos, Ró!” (Ondjaki, 2003, p. 23). No entanto, ao enfrentarem juntos a situação do “caixão vazio”, essa amizade se aprofunda, e o narrador passa a chamá-la carinhosamente de “Ró”, um apelido que simboliza a proximidade entre eles: “Eu e a Romina éramos amigos há muito tempo, mas não conversávamos muito” (Ondjaki, 2003, p. 24) ou ainda “naquela tarde com o sol ali a fazer o momento ficar ainda mais bonito, acho que ficamos muito mais amigos” (Ondjaki, 2003, p. 24). Essa evolução na relação reflete a maturação dos personagens ao longo da narrativa, um elemento essencial na construção de personagens em romances, como destacado por Antonio Candido (1968).

A esperança em tempos de guerra

Romina é uma representação da juventude que vive em tempos de guerra. Ela personifica uma fase da vida em que o medo do desconhecido e das mudanças podem ser avassaladores, afetando o modo como cada pessoa lida com as situações. Sua capacidade de sobreviver e manter a humanidade, mesmo em meio a uma realidade violenta e difícil, simboliza a esperança. A amizade e a proteção oferecidas pelo narrador representam uma mensagem de que, mesmo diante das adversidades, o vínculo humano pode ser uma força para superar desafios e enfrentar o desconhecido com coragem e solidariedade, uma ideia que se relaciona com os conceitos de resistência e humanidade contidos por Bosi (1996) e Adorno (2003).

O término do ano letivo e a relação de seus amigos com o narrador

No início do romance, o narrador estabelece uma proximidade maior com os amigos Bruno e Murtala, com quem compartilha muitas aventuras e momentos marcantes. Contudo, ao longo da narrativa, com os momentos vividos e compartilhados na escola, principalmente com a saga enfrentada para lidar com o temido “caixão vazio”, aparecem novas oportunidades de aproximação com outros colegas, especialmente Romina e Petra. Ao se unirem para lidar com os medos, elaborarem estratégias e se apoiarem mutuamente para lidar com as aventuras, essas amizades vão além da superficialidade e se consolidam, contribuindo para uma transformação na visão do protagonista.

Ao chegar ao final do ano letivo, percebe-se uma mudança significativa no sentimento afetivo do narrador em relação aos amigos comparado ao início do romance. O sentimento de saudade e tristeza pela incerteza de rever os amigos novamente é exposto pelo narrador antes mesmo do término das aulas, reforçando os laços de amizade que foram fortalecidos ao longo da história, conforme se observa no seguinte trecho: “vês, agora temos mais algum tempo de aulas, depois já são as frequências finais, depois as pessoas vão de férias, depois há pessoas que não voltam, mudam de turma, é sempre assim, Ró, as pessoas acabam por se separar...” (Ondjaki, 2003, p. 29).

O desenvolvimento da narrativa revela uma transformação na perspectiva do narrador em relação aos amigos, mostrando como a convivência, as experiências compartilhadas e os desafios enfrentados juntos podem fortalecer os laços afetivos e influenciar suas ocorrências sobre as pessoas ao seu redor. A amizade, a solidariedade e a superação das adversidades se

destacam como valores fundamentais nessa jornada de amadurecimento e construção de memórias na vida do protagonista. A fala a seguir reforça esse sentimento:

O fim dos anos letivos era sempre uma coisa muito chata para mim porque ficava com saudades dos meus colegas, das nossas brincadeiras, até dos camaradas professores, até das palavras de ordem, até de cantar o hino, até de ir ao quadro, até da limpeza geral da escola, até de jogar estátua nos corredores embora quando se levasse uma bem esquentada as costas ficassem a arder, ou jogar estica até sermos apanhados pelo camarada subdiretor e levarmos todos duas reguadas em cada mão, tudo isso, era uma só coisa que um dia destes ia mesmo acabar (Ondjaki, 2003, p. 30).

A situação de guerra, tão presente no enredo, desempenha um papel determinante na mudança de perspectiva do narrador. Nesse contexto, os fatos são refletidos nas memórias do menino-protagonista, trazendo de forma ficcional os momentos marcantes desse período histórico na cidade de Luanda. O estudo de Auerbach (2002), que evidencia também a valorização e representação nos escritores modernos do cotidiano em especial nesse contexto de guerra, reafirma que os momentos externos e a posição em que se fala, se entrelaçam, “o qual a realidade é dissolvida em múltiplos e multívocos reflexos da consciência” (p. 496).

Para isso, o amadurecimento do narrador é algo que é desenvolvido aos poucos no romance. Os fatos ocorridos com a criançada fazem com que Ndula descreva as consequências causadas pela guerra e no cotidiano das pessoas, em especial no meio infantil, as provas finais, a ida para escola, os momentos de encontro com os amigos, tudo é marcado com a presença da guerra, que é amenizada pelo olhar ingênuo do protagonista.

A presença dos professores cubanos no contexto pós-colonial traz uma diversidade cultural à escola e também passa a fazer parte da rotina dos alunos com maior afetividade, participando até mesmo das reuniões do grupo de alunos fora do espaço escolar. Com isso, tornam-se essenciais na vida de cada membro da turma e colaboram de maneira essencial nas relações de amizade e no debate de questões importantes.

O término das aulas significa uma metáfora no enredo, pois um novo momento se inicia na história de Angola: o fim da guerra no país. Com a despedida das crianças e a incerteza do que virá pela frente, do incerto em seu novo ano na escola e de talvez não encontrar novamente aqueles que fizeram parte das suas memórias mais significativas durante o período escolar, o narrador se encontra com um sentimento de saudades ao final do romance, porém esperançoso e fortalecido diante das perdas presenciadas, representando um recomeço em sua vida.

Considerações finais

Através do olhar do narrador sobre seus quatro amigos (Bruno, Murtala, Petra e Romina), destacados neste artigo, e as aventuras compartilhadas com eles, somos expostos a momentos de incerteza, medo e conflito, que contrastam com a inocência da infância, permitindo-nos mergulhar na intimidade e na individualidade desse grupo de crianças e nos envolver em suas experiências, emoções e relatos sobre a realidade precária que os cercaram no país. *Bom dia, camaradas* (2003), de Ondjaki, não se limita a retratar apenas a vida escolar e a relação entre amigos, mas também oferece uma reflexão mais ampla sobre as transformações sociais e políticas que ocorreram em Angola após a independência.

Com uma prosa envolvente e uma narrativa sensível, a leitura do livro nos proporciona uma perspectiva diferente do que se imaginava encontrar no enredo. Nele, estamos diante de uma literatura, a literatura angolana, capaz de nos fazer vivenciar o lirismo das experiências infantis e, ao mesmo tempo, proporcionar reflexões importantes por meio de um dos momentos tão dolorosos para o país, chamando a atenção para a maneira humorada de relatar os episódios. A leitura do romance foi muito prazerosa, pois é possível entender muito bem a narrativa através do Português Angolano, e ainda nos possibilita ter contato com dialetos próprios do país. A experiência com a escrita do autor, Ondjaki, foi retrato autêntico e comovente da infância, explorando tanto a alegria e a inocência quanto os desafios e as adversidades que moldam o caminho dos protagonistas. Ao acompanhar a relação do narrador com seus amigos da escola, é lembrado a importância da amizade e da resiliência em meio às circunstâncias mais difíceis.

O estudo realizado sobre *Bom dia, camaradas* (2003), de Ondjaki, evidencia que através do olhar de uma criança predominam as lembranças boas de momentos compartilhados com pessoas mais próximas. No caso da análise, apesar das intrigas e desacordos que os amigos enfrentaram uns com os outros, o que ficou na memória do protagonista é a saudade dos momentos vivenciados naquela fase. Através da análise, constatou-se que a ficção e a realidade de Angola se entrelaçam no romance, refletindo o contexto histórico de guerra nas lembranças infantis do autor e, conseqüentemente, nas suas histórias e curiosidades, que marcaram, de certa forma, a década de oitenta e são, por isso mesmo, apresentadas no enredo.

Com isso, conclui-se que houve uma mudança significativa na maturidade de Ndula, o que influenciou momentos de maior reflexão ao final do romance, em que o menino começa a valorizar mais os momentos compartilhados com os que estão ao seu redor. Além disso, com o final da guerra no país, um novo momento se inicia na cidade e a incerteza do que vem pela

frente acarreta novas possibilidades de vida para o narrador e para seus amigos, os quais esperam, ansiosos, por um mundo melhor.

Referências

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In*: ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p. 55-63.

AUERBACH, Erich. A meia marrom. *In*: AUERBACH, Erich. **Mimesis**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 471- 498.

BAYER, Adriana Elisabete. **Pepetela e Ondjaki: com a juventude, a palavra faz o sonho**. 2008. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/4016>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. Araraquara: Itinerários, 1996. p. 11-27.

CANDIDO, Antonio (ed.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968. 121 p.

CANDIDO, Marina Ribeiro. **Na companhia de um mais novo: funções do narrador-criança nas narrativas de infância Bom dia camaradas e Meu pequeno país**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022 [S. n., s. l.]. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/29645>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

CHAVES, Rita. **O passado presente na literatura africana**. Via Atlântica/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n. 7. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49794/53898>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FRANCO, Roberta Guimarães. [Ensaio] **“Bom dia camaradas” e um retrato de uma (infância em) Angola**. Abril – NEPA / UFF, v. 1, n. 1, p. 88-92, 19 ago. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/abriluff.v1i1.29841>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

ONDJAKI. Escritor Ondjaki conta sobre sua escrita, influências e relação com a Língua Portuguesa. [Entrevista concedida à] UNILAB. **UNILAB**, julho, 2016. Disponível em: <<https://unilab.edu.br/2016/07/25/entrevista-escritor-ondjaki-counta-sobre-sua-escrita-influencias-e-relacao-com-a-lingua-portuguesa/>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

PAIO, Helena Maria Assude. **Recordar, escrever e ler a infância. Análise comparativa de o Meu pé de laranja lima de José Mauro de Vasconcelos, e Bom dia camaradas, de Ondjaki**. 2011. Master's thesis — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, [s. l.], 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/7274>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

VERAS, Laurene. **Ondjaki e a memória cultural em 'Bom dia camaradas', 'Os da minha rua' e 'AvóDezanove e o segredo do soviético'**. 2011. reponame: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFRGS, [s. l.], 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/37295>.> Acesso em: 17 ago. 2023.

The child narrator's view of his school friends in Ondjaki's novel Bom dia, camaradas

Abstract: The Angolan writer Ondjaki presents a unique and very relevant moment in the life of the human being in the novel Bom dia, camaradas (2003): childhood. In this article, through the eyes of a child narrator, the nuances experienced by children during the Angolan civil war will be observed. The friendships built at school and the moments of crisis and camaraderie contributed to the change in perspective of the young narrator in the novel. It is on this aspect that this article has built its analysis. We were struck by how the protagonist narrator portrays, in a childlike, pure and innocent way, the economic problems and social inequalities highlighted through emotional relationships in the school environment and in the moments when children meet outside of school, showing the harsh reality of the country with humor and beauty. The method used in the study was conducted through a careful and systematic reading of the book Bom dia, camaradas. The work, therefore, is a critical analysis of a bibliographical nature, in which we used the contributions of Adorno (2003), Bosi (1996) and Auerbach (2002) as our main theoretical support.

Keywords: Angolan literature; Ondjaki; Bom dia camaradas.